

humanitas



Vol. LXII
2010

Ciclo de conferências “Hipólito e Fedra, nos caminhos de um mito”
(Museu Nacional Machado de Castro)

6 de Maio de 2010

Um dia depois da estreia da peça *Hipólito* de Eurípides no Museu Machado de Castro, teve lugar um ciclo de conferências a ela dedicado: “Hipólito e Fedra, nos caminhos de um mito”. Dividido em duas sessões, “Eurípides” e “Releituras e recriações”, este ciclo de conferências foi rematado com um espaço dedicado à produção do grupo Thíasos. A primeira parte teve como objectivo apresentar e analisar o ponto de partida, o tratamento que cristalizou este mito: a peça *Hipólito* de Eurípides. No espaço de discussão houve uma ideia recorrente: a impossibilidade de se fixar uma interpretação plana ou inequívoca dos comportamentos das personagens; e outra dominante, em forma de interrogação: qual o objectivo do tragediógrafo ao trazer à luz do palco a violência da paixão de Fedra? Teria como propósito condenar a futilidade da mulher de Teseu ou, pelo contrário, censurar a natureza casta de Hipólito? A verdade é que Fedra e Hipólito alcançaram ambos a nobreza trágica através da morte. Em suma, o cenário do *Hipólito* apresenta-se como o *agôn* de afectos humanos, e a problematização surge nos espaços vazios euripidianos, no não-dito que deixa insatisfeito o espectador ou o leitor que procura nela uma ordem de inteligibilidade.

A segunda parte do ciclo foi dedicada aos tratamentos do mito de Hipólito depois de Eurípides, como a *Fedra* de Séneca ou a *Phèdre* de Racine (1677), que elegeram a esposa de Teseu como protagonista. A última comunicação deste painel foi dedicada à representação do mito na arte, desde a iconografia dos vasos gregos às representações do mito no século XIX.

Nesta última parte, o encenador, o director de actores e a figurinista expuseram, além de aspectos técnicos, as suas reflexões e as perplexidades com que se confrontaram durante a produção da peça, num diálogo aberto com o público.

Do grupo de conferencistas convidados, destacamos a participação do tradutor da versão portuguesa da tragédia de Eurípides, Frederico Lourenço, que acompanhou também as várias fases de preparação da peça pelo grupo Thíasos, garantindo assim a orientação científica que exige o teatro de carácter universitário, sempre produzido entre o limite da criatividade e o da arqueologia poética do texto.

Apesar de a tragédia *Hipólito* resistir a uma interpretação evidente ou consensual, há um facto incontornável que resultou deste encontro: a certeza de que este mito vai continuar a desafiar os limites da compreensão humana, a questionar as motivações do comportamento do homem confrontado com semelhantes circunstâncias limite, relativizando assim os pressupostos éticos e morais tidos como infalíveis.

Programa

Abertura dos trabalhos -Maria do Céu Fialho (Coordenadora Científica da UI&D CECH); Carlos A. Martins de Jesus (Comissão Organizadora, Encenador de *Hipólito*) Delfim F. Leão (Presidente do FESTEIA – Tema Clássico)

EURÍPIDES

- Maria do Céu Fialho (Univ. Coimbra): *Hipólito: a construção euripídiana de um herói.*
- Frederico Lourenço (Univ. Coimbra): *A Fedra de Eurípidés e a sintomatologia da paixão.*
- Gustavo Bernardo (Univ. Estado do Rio de Janeiro): *Amor e conhecimento: a hybris de Hipólito.*

RELEITURAS E RECRIAÇÕES

- Mariana Matias (Univ. Coimbra): *Fedra de Séneca: que pode a razão perante o triunfo das paixões?*
- Marta Teixeira Anacleto (Univ. Coimbra): *Teatralizar os “ornamentos da fábula” a partir dos Antigos: a Phèdre de Racine.*
- José Ribeiro Ferreira (Univ. Coimbra): *Hipólito e Fedra na arte.*

SOBRE A PRODUÇÃO DO THÍASOS

Conversa com o encenador, director de actores e figurinista.

Organização: Thíasos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e FESTEIA-Tema Clássico.

Comissão organizadora: Carlos A. Martins de Jesus, Cláudio Castro Filho e Ana Seíça Carvalho.

ÁLIA RODRIGUES